

## O Sistema de Relações na *Lógica da Essência*

### The System of Relationships in *Essence Logic*

*João Alberto Wohlfart*<sup>1</sup> (*Inst. Sup. Fil. Bertier*)

**Resumo:** O artigo que segue é centrado no conceito de Relação absoluta exposto por Hegel no final da *Lógica da Essência*. O texto é estruturado a partir do conceito de aparecimento e de efetividade, no qual Hegel expõe as relações fundamentais e a lógica das modalidades. O problema básico diz respeito à demolição das antigas estruturas metafísicas e pergunta acerca da concepção hegeliana de relação posta no lugar da essência. O trabalho apresentado é um estudo a partir do texto hegeliano recentemente traduzido ao Português e procura evidenciar a significação filosófica da Relação nos momentos da substancialidade, da causalidade e da interação. Destaca a Relação absoluta como o ponto fulcral da contradição através da qual a racionalidade destrói na medida em que constrói e constrói na medida em que destrói.

**Palavras-chave:** Aparecimento; Contradição; Relação Absoluta; Substancialidade.

**Abstract:** The article that follows is centered on the Hegelian concept of Absolute Relation exposed by Hegel at the end of the Logic of the Essence. The text is structured from the concept of appearance and effectiveness, where Hegel exposes the fundamental relations and the logic of modalities. The basic problem concerns the Hegelian demolition of the old metaphysical structures and asks about the Hegelian conception of relation put in the place of the essence. The present work is a study based on the Hegelian text recently translated into Portuguese and seeks to highlight the philosophical meaning of Relation in the moments of substantiality, causality and interaction. It highlights the Absolute Relationship as the crux of the contradiction through which rationality destroys as it builds and builds to the extent that it destroys.

**Key-words:** Appearance; Contradiction; Absolute Ratio; Substantiality.

### Introdução

O objeto do artigo que segue é a tentativa de reconstruir a noção hegeliana de relação exposta pelo filósofo no livro da *Doutrina da Essência*. Motivados pela tradução, editoração e publicação em português do segundo livro da *Ciência da Lógica*, é um imperativo epistemológico o aprofundamento da leitura, a realização de estudos e a produção de conhecimentos a partir desta

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela PUCRS e professor de filosofia no Instituto Superior de Filosofia Berthier.

obra fundamental do pensamento filosófico hegeliano e de toda a tradição da filosofia. A tradução deste livro é mais um importante passo para o estudo da filosofia hegeliana no Brasil a partir dos seus textos, tornar a sua obra mais acessível e dirimir muitas distorções interpretativas que a filosofia hegeliana sofreu no Brasil.

Partimos da ideia básica de que a *Doutrina da Essência* é uma crítica demolidora de Hegel contra a tradição filosófica clássica, contra verdades filosóficas consagradas durante milênios, especialmente uma dissolução da clássica noção de essência e dos dualismos metafísicos. Trata-se de uma lógica filosófica que vai devorando estruturas de pensamento cristalizadas pela tradição, ao mesmo tempo em que vai construindo configurações novas de racionalidade.

O tema do presente artigo é a noção hegeliana de sistema de relações exposta na *Doutrina da Essência*, como uma alternativa fundamental aos modelos filosóficos cristalizados pela tradição filosófica. A pergunta fundamental a que pretendemos responder diz respeito aos argumentos hegelianos empregados na superação da noção clássica de essência e de substância. Como Hegel quebra com os dualismos metafísicos e propõe uma alternativa filosófica que consiste na afirmação da verdade como um sistema de relações? Como Hegel concilia dialeticamente clássicos dualismos em círculos dinamicamente integrados num todo indivisível?

O texto que segue tem como objeto de investigação a terceira seção da *Doutrina da Essência*, na qual Hegel aborda o conceito de efetividade. Tentamos reconstruir a síntese hegeliana entre absolutividade e relatividade, no capítulo sobre o absoluto, a efetividade e a Relação absoluta. A abordagem que segue estará especialmente centrada na noção de Relação absoluta que fecha o livro da *Doutrina da Essência*. O método de investigação está concentrado na análise do texto hegeliano da *Ciência da Lógica* que está em nossas mãos, traduzido ao português. Como dispomos de pouca bibliografia sobre a *Doutrina da Essência*, a referência principal será a análise direta do texto hegeliano. Não entramos no mérito das diferentes abordagens e compreensões da *Doutrina da Essência*, mas a preocupação do artigo é com a estrutura lógica interna que sustenta o texto hegeliano, razão pela qual o trabalho consiste na reconstrução direta do pensamento hegeliano.

## 1. A Efetividade

O propósito do presente artigo é a reconstrução da noção hegeliana de relação a partir da seção que trata da efetividade. Ela aparece como a unidade da essência e da existência, na essência que se efetiva e na existência que, em seu movimento de aparecimento, se essencializa. Para Hegel, “essa unidade do interior e do exterior é a efetividade absoluta. Essa efetividade, porém, é inicialmente o absoluto como tal, - na medida em que ela está posta como unidade, dentro da qual a forma se suprassume e fez de si a diferença vazia ou exterior de um exterior e de um interior”<sup>2</sup>. A efetividade é a unidade do interior e do exterior, a interioridade que se exterioriza e a exterioridade que se interioriza num círculo integrador em permanente ampliação e complexificação. O conceito de efetividade não consiste mais num movimento segundo o qual a essência fundamental se manifesta externamente, como uma expressão posterior, mas a efetividade caracteriza um movimento de automanifestação universal. Trata-se de uma manifestação automanifestante, uma manifestação que retorna a si mesma no próprio movimento de automanifestação. Não caracteriza mais um princípio fundamental preestabelecido, que inexoravelmente exterioriza as suas determinações imanentes, mas, de agora em diante, a totalidade da razão se orienta por um processo de manifestação que vai constituindo a sua racionalidade e a sua essencialidade à medida que acontece o movimento de automanifestação. É a própria lógica imanente que vai traçando o caminho e as determinações do autodesenvolvimento da razão, num simples e complexo desenvolvimento em que o caminho é feito ao caminhar. Trata-se de uma essencialidade universal, de um movimento processual universal, de uma autorreflexividade universal e de uma automanifestação universal, nos quais coincidem a autodeterminação e a automanifestação. Em outras palavras, a antiga separação entre transcendência e imanência, céu e terra, Deus e homem, mundo inteligível e mundo sensível se dissolve num único movimento universal e num único mundo no qual a causa, o movimento e o universo movido constituem uma e mesma coisa. Como veremos mais adiante, trata-se de um movimento dialético

---

<sup>2</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 191.

simultâneo de dissolução e de construção, vai construindo à medida que vai dissolvendo, e vai dissolvendo à medida que vai construindo. Richard Kroner escreve:

O Absoluto é o ser suprassumido, a negação da contraposição do interior e do exterior; é o interior, que mesmo é exterior, o exterior, que mesmo é o interior, - mas este mesmo, este terceiro diante das contraposições é o absoluto posto, autodeterminado, veio a ser como simples ser na contraposição da superação do ser, ser reflexivo do ser: ser efetivo, efetividade. O Absoluto é o terceiro, - não diante do interior e do exterior, mas de todas as contraposições da essência, especialmente nas categorias da reflexão, essência como reflexão nela mesma e aparecimento, é o terceiro adiantado e contraposto, mas não assim como um terceiro que se põe na frente ou contra, assim como em si a coisa é posta, na qual a contraposição ficou dissolvida, que a partir da contraposição supera a contraposição, no qual a essência é reconduzida ao ser<sup>3</sup>.

No primeiro capítulo sobre a efetividade, Hegel trata do Absoluto como uma das determinações no processo lógico de autoconstrução da razão. De forma clara, trata-se do terceiro termo que reúne em si sinteticamente o interior e o exterior, cujo círculo evidencia a dissolução dos dualismos metafísicos através da exposição do Absoluto na síntese das várias formas de oposição. Para Hegel, o Absoluto não está fora nem acima do mundo e da multiplicidade, não é contraposto ao contingente e ao imediato, não é a negação da finitude e da relatividade, mas aparece como o círculo universal que reúne em si mesmo a interioridade e a exterioridade, a forma e a existência. Assim, o primeiro argumento para construir um conceito hegeliano de Absoluto é que nada está fora dele, caso contrário, se algo estivesse fora ou abaixo, seria relativo diante do relativo. Não há, portanto, um desenvolvimento do Absoluto para o exterior, mas o procedimento lógico é o seu próprio desenvolvimento dialético. Dentro da *Doutrina da Essência*, ao abordarmos o conceito de Absoluto, estamos na plataforma de

<sup>3</sup> KRONER, R. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1961. V2, p. 461-462.

racionalidade na qual as antinomias mais radicais do pensamento metafísico são dissolvidas e integradas num círculo de racionalidade no qual uma não se explica e não subsiste sem a outra. Em outras palavras, o Absoluto somente se sustenta na sua autocontradição radical enquanto síntese dos opostos mais extremos, especialmente a absolutividade e a relatividade, a substancialidade e a acidentalidade, a necessidade e a contingência. Trata-se de um universo abrangente no interior do qual esses opostos se integram e se constituem uns a partir dos outros e uns se transformam e invertem nos outros. Hegel escreve:

Disso resulta que a determinação do absoluto é de ser a forma absoluta, mas, ao mesmo tempo, não como a identidade cujos momentos são apenas determinidades simples, - mas [como] a identidade cujos momentos são cada um nele mesmo a totalidade e assim, como indiferentes frente à forma, o conteúdo completo do todo. Contudo, inversamente, o absoluto é o conteúdo, que como tal é multiplicidade indiferente, tem nele a relação formal negativa, pela qual a sua multiplicidade é somente uma identidade sólida<sup>4</sup>.

O Absoluto é determinado como a identidade de forma e de conteúdo. A forma pode ser definida como a racionalidade universal, a significação universal, a inteligibilidade fundamental, a autorreflexividade e autodeterminação racional, e o conteúdo são as determinações internas constituídas em sistemas relacionais. Neste círculo, a exterioridade caracteriza a espacialidade e circularidade abrangentes, e a interioridade caracteriza a mediação fundamental entre todas as determinações, pois a interioridade se espalha por toda a espacialidade da exterioridade que se qualifica em sua universal reflexividade. Essa absolutividade formal não é formada por momentos como determinidades simples, como identidades incomunicáveis e fechadas nelas mesmas, mas por um sistema de determinidades qualificados como momentos fundamentais. Na noção hegeliana de Absoluto, cada momento aparece como a totalidade do sistema, numa espécie de autodeterminação imanente

---

<sup>4</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 194.

da totalidade substancial na qual o Absoluto é efetivado naquele momento determinado. A autossubsistência, a autorreflexividade e a autodeterminação como expressões do movimento imanente de estruturação do todo comporta outra dimensão sistemática tão profunda e tão abrangente quanto a forma, a estrutura do conteúdo. Nessa composição, cada momento é o todo porque as diferentes determinações se perpassam e se interpenetram reciprocamente, e como esse movimento é mais intenso que a identidade de cada momento, as diferenças internas se tornam qualitativamente indiferentes. Isso se justifica porque, em cada elemento, está concentrado o conteúdo geral, o processo de construção e o sistema de intercomunicação interno. Nesse raciocínio, estendido para o campo da *Filosofia da Natureza*, por exemplo, a imensa biodiversidade da Natureza se transforma numa indiferença universal em função da profunda e radical compenetração e interpenetração de conteúdos, de processos, de energias e de sistemas. Para Hegel, como a aparente diversidade se transforma numa indiferença sólida, cada determinação é a totalidade das outras determinações, e a totalidade dos elementos é cada elemento. Isto significa dizer que cada elemento se comunica e se universaliza na totalidade dos outros, e a totalidade dos outros se concentra na elementaridade da diferença, mediatizada pela universalidade da forma. Para Hegel:

Mas o próprio absoluto é a identidade absoluta; essa é a sua determinação, na medida em que toda a multiplicidade do mundo que aparece ou da totalidade interior e exterior está suprassumida dentro dele. – Dentro dele mesmo não há nenhum devir, pois ele não é o ser nem o determinar-se reflexionante; pois ele não é a essência que se determina somente dentro de si; tampouco é um externar-se, pois é enquanto identidade do interior e do exterior. – Mas assim o movimento da reflexão se contrapõe à identidade absoluta dele. A reflexão está suprassumida nessa identidade, assim ela é apenas seu interior, mas, com isso, é externa para ela<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 194-195.

O Absoluto é definido como identidade absoluta na suprassunção da oposição entre interioridade e exterioridade. A síntese dialética desta estrutura de relação fundamental pode ser estabelecida na afirmação de que todo o Absoluto é interioridade e exterioridade ao mesmo tempo, aquela na reflexividade universal e esta na estrutura e no sistema de determinações de conteúdo. Nessa formulação, não há mais nada exterior ao Absoluto, pois ele não pode ser mais pensado como uma esfera mais perfeita sobreposta ao mundo. Por esta razão, nada tende para o Absoluto e nada caminha para ele, na condição de uma esfera exterior, mas tudo está dentro dele, de forma que tudo está impregnado pela racionalidade do Absoluto. Dentro dele não há devir porque não se passa da relatividade para a absolutividade, da contingência para a necessidade, do finito para o infinito, pois, em qualquer movimento espacial, encontra-se na mesma intensidade e inteligibilidade do Absoluto. Por mais curioso que possa parecer, não há uma exteriorização em outras esferas como a Natureza e a História, porque, na *Doutrina da Essência*, essas determinações seriam internas ao Absoluto. As determinações têm o Absoluto como abismo e como fundamento, porque estão mergulhadas nele e ele nelas. Em relação ao Absoluto, constituem-se movimentos para trás, para frente, para os lados, para cima e para dentro, mas todos os sentidos formam um único e mesmo movimento e todos os movimentos são todos os movimentos. Aliás, nesta lógica identificam-se o movimento e a estabilidade, especialmente porque em todo o movimento sempre se está mergulhado no mesmo abismo do Absoluto. Todos os dualismos metafísicos aqui ficam dissolvidos, porque opostos como transcendência e imanência se invertem um no outro e se dissolvem no infinito e incomensurável abismo do Absoluto. Tudo isto caracteriza a exposição do Absoluto como um agir universal que parte de si mesmo e volta para si mesmo, quando a identidade pura se rompe diante de sua multiplicidade interna.

Sob a denominação de “efetividade”, Hegel expõe um dos capítulos mais controversos de sua *Ciência da Lógica*. Nesse capítulo, o filósofo formula a lógica das modalidades, em categorias como contingência, possibilidade, efetividade, necessidade e necessidade absoluta. O sentido desse capítulo é estabelecer uma diferença interna à indiferença universal do Absoluto, conforme

exposição realizada acima, quando aparecem as mais radicais contradições dentro da *Ciência da Lógica* nas quais e através das quais a razão se constrói. Nesse sistema de modalidades, a possibilidade não está realizada, mas ela pode realizar-se conforme cenários abertos. A contingência é uma modalidade de existência segundo a qual a possibilidade veio à realização, numa forma realizada e que poderia não ser. Para Hegel, o que é contingente existe realmente, mas poderia não existir, uma vez não existiu e poderia não existir. Hegel não contrapõe as categorias da modalidade, como na lógica aristotélica tradicional, em relações contrárias e contraditórias, mas as categorias se interpenetram reciprocamente. A mensagem de fundo da lógica das modalidades é, contra todas as lógicas anteriores, demonstrar a contradição intrínseca da razão e do mundo, pois o que, de agora em diante, move o mundo é a lógica da contradição interna. Nessa exposição, a necessidade não elimina a contingência, mas a contingência é intrínseca à necessidade e se torna uma categoria necessária. Sobre a necessidade absoluta Hegel escreve:

A necessidade absoluta é, assim, a reflexão ou a forma do absoluto; unidade do ser e da essência, imediatidade simples que é negatividade absoluta. Por um lado, suas diferenças não são, por conseguinte, como determinações de reflexão, mas sim como multiplicidade que é, como efetividade diferenciada, que tem a figura de outros autossubsistentes uns frente aos outros. Por outro lado, visto que sua relação é a identidade absoluta, ela é o converter absoluto de sua efetividade em sua possibilidade, e de sua possibilidade em efetividade. – A necessidade absoluta é cega [...]. Mas esta contingência é, antes, a necessidade absoluta; ela é a essência daquelas efetividades livres, em si necessárias. Esta essência é a aversão à luz, porque nessas efetividades não há nenhum aparecer [Scheinen], nenhum reflexo, porque elas estão fundadas puramente apenas dentro de si, estão configuradas para si, manifestam-se apenas para si mesmas, - porque elas são apenas ser<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 218-219.



Sem entrarmos nos detalhes da exposição hegeliana difícil e complexa, a lógica das modalidades termina com a categoria de necessidade absoluta (*absolute Notwendigkeit*). Não se trata, evidentemente, de uma necessidade cega e absoluta diante da qual desaparecem as outras modalidades, especialmente a contingência. Conforme Hegel, não se trata de uma cega necessidade de onde fica excluída a diversidade, a contingência e a liberdade, como se tudo estivesse inexoravelmente determinado e o mundo existente seria o único possível, mas a dança das modalidades é propriamente absoluta. Como se trata da lógica da contradição e da autocontradição interna, a contingência passa a ser uma dimensão constitutiva e necessária da necessidade, pois ela ganhou o estatuto de racionalidade. A contingência, como constitutiva da necessidade, é indicativa da imediatidade simples da negatividade absoluta, que caracteriza a contradição. A necessidade absoluta é caracterizada por duas figuras internas, a primeira delas, o estabelecimento da multiplicidade como efetividade diferenciada na qual cada determinação se define frente às outras e todas entre si, como uma multiplicidade qualificada em cuja sistemática cada determinação é ela mesma enquanto não é as outras. Por outro lado, a necessidade absoluta é identidade absoluta porque um sistema relacional integra e interpenetra todas as determinações em seu movimento de relação universal. Como todas as determinações se relacionam com todas e todas através de todas, elas, reciprocamente, se estendem por todas e através de todas, justifica-se a identidade absoluta de um sistema que se constitui a partir da determinação de uns autossubsistentes frente aos outros. A necessidade absoluta transforma a efetividade em possibilidade e a possibilidade em efetividade. Parece que a necessidade absoluta caracteriza uma atividade e um impulso em cujo dinamismo interno a efetividade é suprassumida numa nova possibilidade, e a possibilidade é novamente efetivada numa necessidade absoluta marcada pela autocontradição em si mesma. Sobre este movimento escreve Richard Kroner:

A liberdade negativa como absoluta contingência é ela mesma necessidade absoluta; porque esta é a subsunção da contingência nela mesma. Nesta subsunção subsiste uma nova figura: a substância. A substância é o conteúdo da necessidade absoluta, o

absoluto necessário, posto como absoluta contingência, ou “a identidade do ser na sua negação consigo mesma”. Enquanto o ser da necessidade absoluta ultrapassa nela, põe o absoluto a si mesmo, se põe a si mesmo como tal, que ele é, o si mesmo a partir de si mesmo subsistente. A necessidade absoluta é a verdade da relação do absoluto consigo mesmo; como isto se define na relação absoluta, na forma da substancialidade, da causalidade e da ação recíproca<sup>7</sup>.

A substância emerge como síntese entre a necessidade absoluta e a contingência absoluta, pois a contingência absoluta recai em si mesma e se transforma em necessidade absoluta. Com a constituição da noção hegeliana de substancialidade, não se trata de um fundamento imóvel, como na metafísica clássica, como também não se trata da substância imóvel que subsume os atributos e os modos, como em Espinosa, mas se trata da substância universal em autoatividade. A contingência resulta do aparecimento e da automanifestação absoluta refletida nela mesma, quando ela se afirma em si mesma como substancialidade. Nesse sentido, é fácil de demonstrar a identidade entre a necessidade absoluta e a contingência absoluta, porque o movimento de expansão e de manifestação enquanto contingência retorna nela mesma e se determina como substancialidade. Essa nada mais é do que o ordenamento interno, a autodeterminação interna e o desenvolvimento sistemático do universo da contingência a partir de dentro, tornando-se a substancialidade um processo de automanifestação e a exterioridade uma estrutura substancial dinâmica. Nessa estrutura, o Absoluto se põe a si mesmo a partir de si mesmo e em si mesmo, e esta autorrelação a si mesmo se determina como relação absoluta na relação de substancialidade, na relação de causalidade e na interação.

## 2. A Relação Absoluta

A exposição realizada acima é indicativa da lógica de como Hegel chega à esfera da Relação absoluta. É conhecida a separação feita pela tradição metafísica entre Absoluto e relativo em esferas antinômicas e incomunicáveis, mas Hegel concilia essas duas

---

<sup>7</sup> KRONER, Richard. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: Mohr Siebeck. V2, p. 500.  
Ano 18 • n. 2 • jul./dez. 2018 129

esferas ao sustentar que o Absoluto é Relação absoluta, pois sai de si mesmo e retorna a si mesmo na mesma identidade universal absoluta. Em outras palavras, a absoluticidade e a relatividade são termos congêneres e equioriginários, porque toda a abrangência do Absoluto é internamente estruturada por um sistema complexo de relações, possibilitando a conciliação entre acidentalidade e substancialidade, absoluticidade e relatividade. Percebe-se, também, nessa exposição hegeliana, a sua crítica à filosofia de Espinosa como passo decisivo de passagem da necessidade para a liberdade, da essência para o conceito. A crítica hegeliana contra Espinosa passa pela estrutura daquele sistema que parte de uma substância absoluta e estática, diante da qual os atributos e os modos são simplesmente conseqüências. Hegel supera a dura noção spinozista de substância pela contradição intrínseca capaz de incluir num único círculo relacional a substância e o acidente. Hegel escreve:

A essência enquanto tal é a reflexão ou o aparecer; mas a essência enquanto relação absoluta é a aparência posta como aparência, a qual, como esse relacionar consigo, é a efetividade absoluta. – O absoluto, exposto primeiramente pela reflexão exterior, expõe-se, agora, a si mesmo como forma absoluta ou como necessidade; este expor de si mesmo é seu pôr-se a si mesmo, e ele é somente este pôr-se. – Como a luz da natureza não é algo nem coisa, mas seu ser é somente seu aparecer, assim a manifestação é a efetividade absoluta igual a si mesma<sup>8</sup>.

A Relação absoluta é a aparência posta como movimento de autodeterminação na qual a efetividade absoluta caracteriza o processo de automanifestação enquanto exposição de si mesma. Não se trata mais da exposição de um princípio substancial já dado preliminarmente, tal como a essência é o fundamento imóvel da aparência, de um incondicionado absoluto que se manifesta em determinações posteriores, mas é a própria lógica do movimento universal e absoluto que, enquanto exposição, é a reflexão em si mesma. Para esclarecer essa lógica, Hegel usa o exemplo da luz que

---

<sup>8</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 221.  
130 • UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

se difunde ao se manifestar como efetividade absoluta igual a si mesma. Trata-se de um movimento absoluto que se põe a si mesmo em movimento, na coextensividade integradora de forma e de conteúdo. A forma da necessidade absoluta, da potência imanente de desenvolvimento, da força de exteriorização é diretamente proporcional ao conteúdo resultante desta potência que é o próprio sistema relacional. A substância absoluta não pode ser compreendida como uma forma substancial que exterioriza a sua forma lógica fundamental, mas a forma da substancialidade se constitui na mesma medida do processo de determinação e de sistematização concreta.

Nessa dinâmica de substancialidade absoluta, não há um caminho previamente estabelecido, mas o movimento é a substancialidade que estabelece o próprio caminho. Assim, a manifestação da efetividade absoluta igual a si mesma é um puro aparecer universal em cuja torrente as determinações decorrem deste movimento na condição de formas de manifestação. Como veremos na sequência, a força da substancialidade universal se manifesta como sistema de totalidade e o sistema de totalidade se determina como relação absoluta substancial. Hegel caracteriza assim a relação de substancialidade:

A necessidade absoluta é a relação absoluta, porque ela não é o ser como tal, mas o ser que é porque é, o ser como mediação absoluta consigo mesmo. Este ser é a substância; como última unidade da essência e do ser, a substância é o ser em todo ser; nem o imediato não refletido, nem um imediato abstrato que está atrás da existência e do aparecimento, mas é a própria efetividade imediata, e [é] esta como ser absoluto refletido dentro de si, como um subsistir que é em si e para si. – Enquanto unidade do ser e da reflexão, a substância é essencialmente o aparecer [Scheinen] e o ser posto de si. O aparecer é aparecer que se relaciona consigo, assim ele é; este ser posto idêntico consigo, assim ele é totalidade que aparece, a acidentalidade<sup>9</sup>.

### A relação de substancialidade (*Substantialitätsverhältnis*)

<sup>9</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 222.

consiste em pensar a necessidade absoluta como uma relação absoluta. A necessidade absoluta não caracteriza uma causalidade linear na qual os acidentes são irreduzivelmente rebaixados em relação à causa originária, mas Hegel a formula como um movimento circular universal relacionado consigo mesmo, na substancialidade absoluta mediada consigo mesma. Como diz o texto, o conceito de substância formulado no final da *Doutrina da Essência* como resultado de sua própria trajetória dialética, é a síntese final da unidade entre ser e essência. Isso significa dizer, em outras palavras, que a universalidade, indeterminidade e exterioridade ilimitada do ser é dialeticamente unificada com a interioridade e autorreflexividade da essência no sistema de Relação absoluta. A Relação absoluta é a substância relacionada consigo mesma numa espécie de autodesenvolvimento e autodeterminação essencialmente refletida nela mesma no movimento de transformação permanente. A substância não é uma efetividade resultante de um movimento linear, mas aparece na condição de efetividade imediata do aparecimento que aparece em si mesmo como um absoluto que subsiste em si e para si. O em si da Relação absoluta pode ser compreendido como a dimensão metafísica do ser em cuja abrangência e extensão todas as contradições são integradas no aparecimento completo; enquanto o para si representa a dimensão epistemológica da reflexão em si mesma do Absoluto, conciliados na totalidade da Relação absoluta. Assim, a relação de substancialidade, como aparecer que se relaciona consigo mesmo, aparece como totalidade do sistema que unifica a substancialidade e a accidentalidade, pois o acidente se transforma, na *Ciência da Lógica*, na totalidade das determinações que proporcionam a relação universal a este momento. Esse raciocínio pode ser completado com um parágrafo da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*:

A substância é, por isso, a totalidade dos acidentes, nos quais ela se revela como sua negatividade absoluta, isto é, como *poder absoluto* e ao mesmo tempo como a *riqueza de todo o conteúdo*. Esse conteúdo, porém, *nada é senão essa manifestação mesma*, enquanto a determinidade refletida sobre si mesma para [ser] o conteúdo é, ela mesma, apenas um momento da forma, o qual no *poder* da substância passa [para um outro momento]. A substancialidade é a absoluta atividade-da-forma, e o poder da

necessidade, e todo o conteúdo é apenas momento, que só a esse processo pertence: o absoluto transformar-se da forma e do conteúdo, um no outro<sup>10</sup>.

Uma das mais radicais reviravoltas da *Ciência da Lógica* é a conciliação entre substância e acidente, pois a substância é a totalidade dos acidentes em ação e os acidentes se auto-organizam em totalidade substancial. A profunda contradição que atravessa este processo é a transformação do Absoluto num universo de acidentes viabilizada na negatividade absoluta que concilia o poder absoluto e a riqueza de todo o conteúdo. Vimos que, no capítulo que trata da Relação absoluta, tudo se transforma num movimento de autoatividade universal, ao estabelecer a síntese dialética entre ser e essência, pois a substância é o poder absoluto inseparável do sistema dos conteúdos. A atividade absoluta da substância como movimento universal se transforma na totalidade do conteúdo que é o sistema de acidentes resultantes dessa atividade. Nessa lógica, a substancialidade absoluta somente é tal no processo de totalização dos acidentes coordenados em sua estrutura complexa de relações, enquanto a multiplicidade dos acidentes se constitui em universalidade substancial. O conteúdo caracteriza o resultado do processo de automanifestação enquanto determinidade refletida na lógica da circularidade na qual a forma e o conteúdo se transformam, reciprocamente, um no outro. Nesta lógica, a forma se transforma no conteúdo quando a atividade da substancialidade aparece na totalidade do sistema de acidentes determinados em sólidas relações. O conteúdo se transforma em forma quando as determinidades dos acidentes se auto-organizam em substancialidade autorrefletida e no autodesenvolvimento imanente das mesmas. Na estrutura da relação de substancialidade, os conteúdos são variados porque a autoatividade absoluta da substância se manifesta em diferentes círculos de conteúdos, pois o movimento negativo de dissolução de um nível prepara sistemas mais avançados dentro do eterno movimento de construção e dissolução. A relação de substancialidade é determinada como uma universalidade substancial na autoatividade e na autodeterminação

---

<sup>10</sup> HEGEL, GWF. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: 1. A Ciência da Lógica. São Paulo: Edições Loyola, 1995, § 151.

absoluta da força substancial; aparece também como uma totalidade universal dos acidentes interconectados. Trata-se de um modelo de universalidade recíproca segundo o qual a universalidade substancial inclui em si a totalidade acidental, e essa totalidade inclui em si a universalidade substancial. Hegel aprofunda:

A outra determinação, a alternância dos acidentes, é a absoluta unidade de forma da acidentalidade, a substância como potência absoluta. – O perecer do acidente é o regressar dele como efetividade para dentro de si como para dentro de seu ser em si ou sua possibilidade; mas este seu ser em si é, ele mesmo, apenas um ser posto, portanto ele é também efetividade, e porque estas determinações de forma são também determinações de conteúdo, este possível, conforme o conteúdo, é também um efetivo determinado de outro modo. A substância manifesta-se com seu conteúdo através da efetividade, para a qual *transpõe o possível, como potência criadora*, e através da *possibilidade*, à qual ela reconduz o efetivo, *como potência destruidora*. Mas ambas são idênticas, o criar é destruidor, a destruição é criadora; pois o negativo e o positivo, a possibilidade e a efetividade, estão absolutamente unificadas dentro da necessidade substancial<sup>11</sup>.

A *Ciência da Lógica* pode ser lida na perspectiva do olhar proporcionado por este texto de Hegel. Aparece aqui a imagem do “verdadeiro” Hegel, porque a interpretação tradicional consiste no estabelecimento de um núcleo de racionalidade cujos fundamentos são inexoravelmente efetivados no real, assim como, por exemplo, a *Ciência da Lógica* comportaria o sistema da racionalidade fundamental aplicada às esferas da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito*. Nessa interpretação, as esferas da Natureza, da Sociedade, da História e do Universo estariam articuladas por uma necessidade interna cuja estrutura de inteligibilidade e o curso do processo de desenvolvimento estariam inexoravelmente determinados. A necessidade hegeliana exposta no final da *Doutrina da Essência* não caracteriza um curso aprioristicamente

---

<sup>11</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica* 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 223-224.

escrito, mas uma contradição e uma autocontradição absoluta segundo a qual a alternância dos acidentes é determinada como a potência absoluta da substância. A necessidade absoluta é internamente constituída pelas categorias modais de possibilidade e efetividade, porque na possibilidade a substância retorna a si mesma pela destruição dos acidentes, e na efetividade a substância se realiza na constituição de novos acidentes. Neste raciocínio, a contradição hegeliana integra os extremos opostos e antinômicos da substância e do acidente dos quais resulta a substância absoluta. A alternância entre forma e conteúdo forma círculos diferenciados de universalidade substancial e de totalidade acidental reciprocamente transpostos e invertidos, constituindo um caminho aberto de racionalidade.

O movimento da substância é impulsionado a partir da dupla perspectiva de potência criadora e de potência destruidora, pois entre a substância e os acidentes está a efetividade. Na efetividade, a substância transpõe a possibilidade e se transforma em potência criadora. O conceito hegeliano de criação não pode ser confundido com a noção cristã e religiosa de criação, conforme amplamente demonstrado aqui, mas como um movimento substancialmente inovador capaz de estabelecer dinamismos e determinações radicalmente novas não repetidoras de estruturas antigas. Nesse movimento, o antigo dissolve-se sem deixar rastros e o absolutamente novo emerge no eterno e absoluto movimento de transformação. Por outro lado, através da possibilidade a efetividade é dissolvida e a substância absoluta se transforma em potência destruidora. Nesse movimento, concepções filosóficas, estruturas de racionalidade, determinações de racionalidade e sistemas reais são destruídos no processo de dissolução substancial substituídos por elementos substancialmente novos. Segundo Hegel, a necessidade substancial unifica internamente a criação e a destruição, a efetividade e a possibilidade através da criação destruidora e da destruição criativa. O dinamismo universal da necessidade substancial é um ato criador na mesma medida que destrói, pois, quando o processo criacionista produz um novo sistema de efetividade, o anterior é destruído. Por outro lado, a necessidade substancial caracteriza uma voracidade devoradora que dissolve tudo o que aparece em sua torrente, destrói tudo o que é tido como dado e cristalizado e constrói um universo sistemático



completamente novo. Do ponto de vista estritamente lógico, é constituído um fluxo dialético circular no qual a possibilidade se transpõe em efetividade e a efetividade se transpõe em possibilidade. Nessa formulação, Hegel reconduz para a filosofia algo parecido com o fogo heraclítico como uma força de ação permanente e eterna que tudo destrói e tudo constrói, e tudo é, de forma permanente, qualitativamente e substancialmente novo. O fogo não se dissolve nesta dupla ação de criar e destruir, mas renova a sua potência criadora e destruidora. Em palavras simples, esta lógica pode ser traduzida na contradição universal e absoluta segundo a qual tudo, todos e a totalidade estão atravessados pela positividade e pela negatividade, a positividade que se traduz numa nova realidade e a negatividade que se traduz no processo de autodissolução. Continuamos com Hegel:

Se se diferencia a substância, como ser em si e para si idêntico consigo, dela mesma como totalidade dos acidentes, então ela, enquanto potência, é o mediador. Esta potência é a necessidade, o persistir positivo dos acidentes dentro de sua negatividade e seu mero ser posto dentro de seu subsistir; esse termo médio é, com isso, a própria unidade da substancialidade e da acidentalidade, e seus extremos não têm subsistir peculiar algum. A substancialidade é, portanto, apenas a relação com o imediatamente evanescente, relaciona-se consigo não como um negativo, como unidade imediata da potência consigo mesma, está dentro da forma apenas a sua identidade, não de sua essência negativa, apenas um momento, precisamente o negativo ou a diferença, é o que pura e simplesmente desaparece, mas não o outro, o idêntico<sup>12</sup>.

Os três momentos da substância expostos por Hegel são a sua identidade imediata consigo mesma, a potência substancial e a totalidade dos acidentes. A potência da substancialidade é mediadora entre a identidade e a totalidade dos acidentes, na medida em que a substancialidade e a acidentalidade são unificadas pela força da potência de desenvolvimento. Na potência substancial, a

---

<sup>12</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 224.  
136 • UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

substancialidade e a acidentalidade são necessariamente unificadas, ou, dito negativamente, os dois extremos não têm subsistência autônoma e independente. Nessa mediação fundamental, a força da substância se traduz na lógica do autodesenvolvimento dos acidentes como o seu próprio movimento de efetivação que reconduz os acidentes à interioridade substancial. Sem essa força de determinação e de autodeterminação, a substancialidade ficaria restrita a um círculo universal vazio e simplesmente não seria substância de nada. Dessa forma, a negatividade da substância com os seus acidentes resulta na força absolutamente universal da substância, no movimento absolutamente universal da substância, no sistema de totalidade universal dos acidentes e na circularidade absolutamente universal e abrangente da substância. A passagem desse momento para a relação de causalidade é assim formulada por Hegel: “a relação de substancialidade é, portanto, inicialmente, a substância apenas pelo fato de que se revela como potência formal, cujas diferenças não são substanciais; ela é, de fato, apenas como interior dos acidentes, e estes são apenas na substância”<sup>13</sup>. A exposição empreendida até aqui, da multiplicidade interna à substancialidade, apresenta uma igualdade substancial, uma indiferença quantitativa dos acidentes. Esta forma ainda de indeterminação da relação de substancialidade, passa dialeticamente para a relação de causalidade segundo a qual as diferenças determinadas estabelecem um movimento de causalidade recíproca. Segundo Vittorio Hösle:

É fácil ver que nessa progressão a relação se torna cada vez mais importante: na relação de substancialidade, a relação da substância com os acidentes é aquela de uma identidade imediata; portanto, ela nem é posta como tal. Na causalidade é alcançada uma relação assimétrica bipsposicional, que conduz ao progresso infinito – este é suprassumido na reciprocidade por meio a simetria a relação. O conceito, finalmente, é caracterizado pela pura reflexividade. – Não há como não admitir que esse desenvolvimento dá uma resposta original ao problema das categorias, que desde Hume e Kant

<sup>13</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 225.

afligi a filosofia moderna. Substancialidade, causalidade, reciprocidade etc. são determinações da realidade, diz Hegel, porque são momentos daquela estrutura absoluta da auto-apreensão reflexiva que é o princípio de todo pensar e, assim, de todo Ser. Essa resposta pode parecer “metafísica” a uma era que pensa principalmente de modo nominalista – mas, enquanto não houver uma outra solução à questão que – diferentemente da humiana – seja de algum modo consistente e – diferentemente da kantiana – não reduza as explicações meramente a fatos catados, teremos de levar a sério essa resposta metafísica<sup>14</sup>.

A formulação hegeliana da noção de relação é qualificada e densificada ao longo dos momentos da substancialidade, da causalidade e da interação. Nessa progressão, a relação de substancialidade é a da identidade imediata, a relação de causalidade é a da relação assimétrica unilateral e a da ação recíproca representa o momento da reflexividade e da interrelacionalidade sistêmica. As determinações fundamentais aqui expostas são categorias da realidade, resultantes do processo de pensar a realidade em seu movimento dinâmico de constituição. Em outras palavras, a *Doutrina da Essência*, especialmente nas categorias finais aqui em questão, expressa a estrutura e o movimento da realidade em desenvolvimento epistemologicamente captada nas categorias de substancialidade, causalidade e interação. No caso da relação de causalidade (*Kausalitätsverhältnis*), Hegel expõe a relação dialética entre causa e efeito e as insere no círculo lógico geral segundo o qual não há causa sem efeito e não há efeito sem causa. Nessa exposição, não há uma relação assimétrica entre causa e efeito, segundo a qual esta estaria rebaixada em relação à primeira, mas na causa está implícito o efeito e no efeito está compreendida a causa, na condição de efeito da causa e causa do efeito, e efeito do efeito e causa da causa. Para Hegel, “o efeito, portanto, não contém absolutamente nada que a causa não contenha. Inversamente, a causa nada contém que não esteja em seu efeito”<sup>15</sup>. Nesta lógica circular, uma polaridade contém exatamente a outra e

---

<sup>14</sup> HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 263.

<sup>15</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2. A Doutrina da Essência*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 227.

nenhuma delas é reciprocamente independente, pois a causa põe a causalidade no efeito e o efeito recebe em si a causa. Por outra via, como a causa expressa a sua causalidade no efeito e contém tudo o que está no efeito, ela também é efeito; e como o efeito contém em si tudo o que é a causa, também é causa. A consequência desta causalidade determinada, cada determinidade é, sob múltiplos aspectos causa e substância em si mesma, e sob múltiplos outros aspectos e movimentos, aparece como ser posto e como efeito. Quando Hegel expõe a relação de causalidade, ela se desdobra numa cadeia circular e num sistema de causalidade recíproca no qual cada coisa determina múltiplas outras e cada coisa é determinada por múltiplas outras, resultando uma totalidade causal e numa intercausalidade total. Por essa razão, reside aqui um dos núcleos articuladores de toda a *Lógica da Essência*, que consiste em sustentar que nada no mundo é autônomo e independente, como a essência metafísica, mas a insuficiência de todas as coisas resulta numa necessária relação de todas as coisas com todas as coisas, numa teia relacional onde tudo está dinamicamente conectado com tudo. Aprofundamos este raciocínio com Hegel:

Na história em geral, são as massas e os indivíduos espirituais que estão em jogo e na interdeterminação de uns com os outros; mas a natureza do espírito, num sentido ainda mais elevado que o caráter do ser vivo em geral, é, antes, de não acolher um outro originário dentro de si ou de não deixar uma causa continuar para dentro dele, mas de interrompê-la e transformá-la. – Mas tais relações pertencem à ideia e precisam ser consideradas somente nela. – Aqui, pode-se observar ainda que, na medida em que se admite a relação de causa e efeito, embora num sentido impróprio, o efeito não pode ser maior do que a causa; pois o efeito nada mais é do que a manifestação da causa. Uma piada que se tornou costumeira na história é aquela que faz surgir grandes efeitos a partir de pequenas causas e que expõe uma anedota como causa primeira para um acontecimento vasto e profundo. Uma assim chamada causa desse tipo não pode ser considerada senão como uma ocasião, como uma excitação exterior, da qual o espírito interior o acontecimento não teria precisado, ou da qual teria podido utilizar uma multidão inúmera de outras, para, a partir delas, iniciar seu

aparecimento, abrir-se o caminho e dar-se sua manifestação. Inversamente, somente pelo espírito algo por si tão pequeno e contingente foi, antes, determinado como sua ocasião<sup>16</sup>.

A noção hegeliana de causalidade é ampla e profunda, não se restringindo a uma causalidade mecânica entre as coisas e ao conjunto da natureza. O conceito de causalidade é estendido ao universo do Espírito, numa lógica mais complexa e mais elevada que o sistema de vida da natureza. Hegel já antecipa sinteticamente a lógica da história universal como um universo de indivíduos interligados por sólidas relações dinamizadas em densas massas populacionais que constituem subjetividades históricas e movimentos históricos complexos. O universo do Espírito se autodetermina na interdeterminação de todos os indivíduos com todos os indivíduos, cujas massas se formam em movimentos culturais, sociais, linguísticos e históricos, de indivíduos e comunidades mergulhados num amplo contexto histórico. A noção hegeliana de causalidade se amplia na possível noção de intersubjetividade intercultural e intra-histórica, em fluxos culturais internacionais e interculturais, na transversalidade das relações entre nações, Estados e culturas que se perpassam na densidade relacional do mundo interculturalmente e transculturalmente globalizado. A causalidade do mundo do espírito, portanto, consiste numa força constituidora de subjetividades históricas resultantes da densificação intersubjetiva entre indivíduos, cujo círculo se abre para múltiplos outros círculos de subjetividades históricas resultantes na totalidade histórica da intersubjetividade intercultural e da transsubjetividade global. Hegel chama a atenção acerca da razão fundamental que constitui a história e a transforma numa das formas de efetivação do espírito, a inteligibilidade da liberdade. A esfera espiritual da história não pode ser invadida por outra causalidade original, tal como o seria, por exemplo, o mecanismo do valor-de-troca do sistema econômico capitalista, que coisifica as relações sociais. Para Hegel, numa leitura conjunta do sistema filosófico conduzida na perspectiva da Ideia absoluta, o Espírito aparece como círculo mais amplo jamais dissolvido por outro.

---

<sup>16</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 230.  
140 • UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Hegel formula alguns parâmetros para a relação de causalidade. O filósofo estabelece um ponto de partida segundo o qual o efeito não pode ser maior que a sua causa. Segundo essa premissa, é equivocada a afirmação comum no sentido de que algo localizado e imediato seja capaz de produzir acontecimentos amplos e profundos e de imprimir eventos históricos globais. Nessa lógica, por exemplo, um homem ético não produz transformações profundas e não é capaz de construir uma sociabilidade ética global, simplesmente porque um evento meramente localizado e contingente não tem a força de desdobrar-se num movimento espiritual de transformação em escala planetária. Segundo Hegel, um homem ético é apenas uma expressão imediata de forças, movimentos e estruturas muito mais complexos, situado num contexto intelectual e racional, num sistema político, num contexto cultural, em contradições históricas, num sistema educacional, por influência de tais educadores etc. Segundo essa lógica, quando uma determinada situacionalidade se desdobra em evento global e profundo, essa ação é atravessada por múltiplos outros movimentos e fluxos históricos de eticidade que o tornam possível. Na lógica da relação de causalidade, o impacto do sistema de eticidade e do contexto histórico sobre um acontecimento particular é muito mais forte e determinante em relação à capacidade de determinação de um acontecimento particular na força de ação no sentido de produzir eventos globais. Como veremos mais adiante, a lógica da causalidade se constitui na perspectiva da interrelação de sistemas complexos que se atravessam e se interpenetram em movimentos de transversalidade multilaterais, organizados em ondas de interdeterminação multidimensionais. Para Hegel:

Com o efeito acontece imediatamente o mesmo, ou melhor, o progresso infinito de efeito para efeito é completamente a mesma coisa que o regresso infinito de causa para causa. Neste último, a causa torna-se efeito, o qual, de novo, tem outra causa; de modo igual e inverso, o efeito torna-se a causa, que, novamente, tem outro efeito. – A causa determinada considerada inicia por uma exterioridade, e, em seu efeito, não retorna para dentro e si como causa, mas antes perde a sua causalidade nele. Mas, inversamente, o efeito chega em um substrato, o qual é substância, subsistir que se relaciona

originariamente consigo; por conseguinte, no substrato, este ser posto torna-se o ser posto; quer dizer, essa substância, na medida em que um efeito é posto dentro dela, comporta-se como causa. Mas aquele primeiro efeito, o ser posto que chega nela de modo externo, é um outro em relação ao segundo, que é produzido por ela; pois este segundo está determinado como a reflexão da substância dentro e si<sup>17</sup>.

A estrutura da lógica de causalidade constitui-se uma cadeia de causalidades até o infinito, não, porém, uma causalidade meramente linear e horizontal, mas desenvolve-se um sistema de causalidade circular que estabelece cadeias e fluxos complexos de causalidade estruturados em sistemas e entre sistemas. Na visão hegeliana, o progresso infinito de efeito para efeito é igual ao regresso infinito de causa para causa, primeiramente porque o efeito aparece como expressão do processo de expansão do movimento de causalidade. E como o efeito concentra em si a causa e é determinação da causa, o efeito se transforma em causa como determinação do regresso a si mesmo. Nesse círculo, há um progresso e um regresso infinito na cadeia de causas e efeitos, e este processo de infinitização se dá porque em cada coisa se equilibra o efeito e a causa, pois a coisa, na medida em que é causa é efeito, e na mesma medida em que é efeito, é causa. Cada coisa, como base da causa e do efeito, é resultado de um movimento complexo de causalidade de uma infinita teia que determina a coisa enquanto efeito, pois múltiplos dinamismos e múltiplos elementos nele entram. Por outro lado, a mesma coisa se comporta como causa de múltiplas outras que aparecem diante dela como efeito. Nessa construção, uma coisa voltada para dentro de si mesma como causa aparece como substância constituída em si e para si mesma, mas, na medida em que esta coisa é determinada como efeito, ela aparece determinada na “exterioridade” da relação. Como causa, as coisas configuram-se duplamente na interioridade da autossubsistência substancial, e como efeito, as coisas se configuram na heteronomia e na exterioridade da estrutura relacional. Para Hegel:

---

<sup>17</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 233.

Pelo fato de que, agora, a substância passiva se converte, ela mesma, em causa, o efeito e, em primeiro lugar, suprassumido dentro dela; nisso consiste seu contrafeito em geral. Em si, ela é o ser posto, como substância passiva; também o ser posto pela outra substância foi posto dentro dela, precisamente na medida em que ela recebeu nela o efeito da outra substância. Seu contrafeito contém, portanto, igualmente esta duplicidade: a saber, em primeiro lugar, o que ela é em si é posto, em segundo lugar, aquilo como o qual ela é posta, apresenta-se como seu ser em si; em si, ela é ser posto: por conseguinte, ela recebe um efeito nela pela outra [substância]; mas, inversamente, esse ser posto é seu próprio ser em si: assim, esse é seu efeito, ela mesma apresenta-se como causa<sup>18</sup>.

A relação de causalidade apresenta uma multiplicidade de substâncias qualificadas, contrariamente à relação de substancialidade na qual as “coisas” eram indiferentes e imediatas. Neste momento, Hegel expõe a relação entre substância ativa e substância passiva, entre as quais se dá uma circularidade recíproca de interdeterminação, parte da causa e do efeito encarnadas em “coisas” diferentes e das duas denominações presentes em cada coisa. Numa primeira aproximação, a substância ativa como causa confirma a sua causalidade ao agir sobre uma substância passiva na qual imprime a sua substancialidade causal enquanto efeito. Nessa lógica, a ação produzida pela substância ativa penetrou na substância passiva e nela é suprassumida ao se transformar da passividade na atividade, convertendo-se a substância passiva em substância ativa. A primeira substância, exatamente pela razão que se torna outra na produção do efeito, transforma-se também em substância passiva. A segunda substância, em razão de receber da primeira o efeito, faz com que essa seja ativa e se torna autônoma ao suprassumir essa dentro dela. Como a substância passiva se transformou em ativa, o seu contrafeito é reconduzido à primeira substância, causando-a. Nessa argumentação, nenhuma substância se determina absolutamente em si mesma fora das outras, mas a segunda substância tornada ativa se diferencia das outras como uma

---

<sup>18</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 237.



causalidade substancial que nelas produz um efeito. Esse movimento de causalidade recíproca produz um sistema de substâncias todas elas simultaneamente determinadas como substâncias ativas e passivas, todas elas ativas na medida em que são passivas e passivas na medida em que são ativas. Não se trata, evidentemente, de cadeias causais lineares de atividade e de passividade, mas as múltiplas substâncias se constituem em sistemas multilaterais e transversais, formam sistemas circulares completos neles mesmos que, por sua vez, entram em relação recíproca com outros sistemas de substancialidade. Mas aqui estamos na esfera da interação.

Inicialmente, a interação apresenta-se como uma causalidade recíproca de substâncias pressupostas que se condicionam; cada uma é, frente à outra, substância ativa e passiva ao mesmo tempo. Na medida em que ambas são tanto passivas quanto ativas, cada diferença entre elas já se suprassumiu; a diferença é uma aparência plenamente transparente; elas são substâncias somente porque são a identidade do ativo e do passivo. Portanto, a própria interação ainda não é mais do que um modo vazio, e apenas precisa ainda de um recolher exterior daquilo que já é tanto em si quanto posto. Primeiramente, não há mais substratos que estejam em relação um com o outro, mas sim substâncias; dentro do movimento da causalidade condicionada, suprassumiu-se a imediatidade pressuposta ainda restante e o condicionante da atividade causal ainda é apenas a influência ou a passividade própria<sup>19</sup>.

A interação (*Wechselwirkung*) caracteriza a totalidade da *Doutrina da Essência* posta em autodesenvolvimento completo. A *Doutrina da Essência*, especialmente na última seção que trata da Relação absoluta, esboça uma atividade absoluta universal unificadora da universalidade do ser e da reflexividade da essência, da essência e do aparecimento, na forma absoluta da autoatividade da manifestação. A *Lógica da Essência* conclui com um sistema de substâncias interrelacionadas na cíclica interconectividade universal

---

<sup>19</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 238.  
144 • UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

na qual todas elas são substâncias ativas e passivas ao mesmo tempo, constituem-se e são constituídas no movimento da atividade universal. A interação caracteriza um sistema de totalidade no qual todas as substâncias se relacionam com todas, todas as substâncias se constituem no interior da totalidade da substancialidade absoluta e universal, todas se relacionam com a totalidade e a totalidade com todas. Conjuga-se na interação a indiferença das determinações no momento da relação de substancialidade com a diferença das determinações no momento da relação de causalidade, pois aqui elas ficam qualitativamente indiferentes onde todas se atravessam, identificam-se e diferenciam-se no sistema de relação universal. Dessa forma, cada determinação particular é resultado do movimento sistemático universal das relações entre todas as outras, uma densificação particular dos círculos da relacionalidade total, e cada uma aparece como uma mediação estruturante por onde atravessam movimentos relacionais e fios de interconexão universal. Cada determinação substancial individual constitui um momento fundamental de singularização da estrutura de relacionalidade total e a recondução desse processo para a totalidade, pois a totalidade do sistema relacional é singularizada em cada substância individual e cada uma delas, por sua vez, se universaliza na totalidade. A *Doutrina da Essência* não resulta apenas numa espécie de teia plana comparável com uma rede na qual os nós são interconectados por fios, mas ela resulta numa macroesfera de totalidade que viabiliza o desenvolvimento de estruturas relacionais multilaterais, esboçadas na transversalidade de movimentos que se encontram e diferenciam-se de forma multipolar. O círculo infinito da macroesfera de totalidade é estruturado internamente também por esferas de macrototalidades que se atravessam em movimentos relacionais complexos, em movimentos intersistemáticos e intrassistemáticos.

Os argumentos aqui expostos não são suficientes para caracterizar a noção hegeliana de Relação absoluta. Na relação estabelecida entre substância ativa e substância passiva estabelece-se a circularidade da relação fundamental na qual uma somente tem existência na outra e pela outra. Essa circularidade recíproca entre duas substâncias se estende para múltiplos círculos relacionais até se constituir o círculo completo da universalidade relacional em constante ampliação, em cuja extensão se movem todas as

substâncias relacionadas com todas e entre todas. A definição hegeliana de Relação absoluta caracteriza a interrelacionalidade global e sistemática em toda a sua abrangência e profundidade; e a autorrelacionalidade substancial fundamental na qual a totalidade constitui a autorreflexividade em si e para si mesma do próprio Absoluto. Essa totalidade universal e infinita, que compreende em si todas as realidades e todo o Universo epistemologicamente expressos, desenvolve-se para dentro e é reconduzida para a interioridade na autorreflexividade. Por outro lado, o desenvolvimento da “interioridade” para a “exterioridade” caracteriza o movimento de formação das relações cuja estrutura total constitui a mediação universal. A identidade interior, para empregar uma terminologia tradicional, forma as substâncias em livre relacionamento umas com as outras. Para Hegel, “a necessidade é, desse modo, a identidade interior; a causalidade é a manifestação da mesma, onde sua aparência do ser outro substancial se suprassumiu e a necessidade se elevou à liberdade”<sup>20</sup>. De dentro da interação surge a liberdade, exposta por Hegel na *Lógica do Conceito*, na qual a necessidade se transforma no aparecimento e a contingência dali advinda desemboca no sistema da liberdade. Nesse sentido, entre a interrelacionalidade sistêmica total e a autorrelacionalidade da reflexividade universal surge a autodeterminação da liberdade que Hegel expõe na *Doutrina do Conceito* e na *Filosofia do Espírito*. Hegel escreve:

Assim, necessidade e causalidade desapareceram na interação; elas contêm ambas, a identidade imediata como conexão e relação e a substancialidade absoluta dos diferentes, com isso, a contingência absoluta dos mesmos – a unidade originária da diversidade substancial; portanto, elas contêm a contradição absoluta. A necessidade é o ser porque ele é, - a unidade do ser consigo mesmo, o qual tem a si por fundamento; mas, inversamente, porque ele tem um fundamento, não é ser, é pura e simplesmente aparência, relação ou mediação. A causalidade é este

---

<sup>20</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 239.

passar posto do ser originário, da causa, para a aparência ou para o ser posto; inversamente, é o passar do ser posto para a originariedade; mas a própria identidade do ser e da aparência ainda é a necessidade interior<sup>21</sup>.

No final da *Doutrina da Essência*, Hegel faz uma exposição revolucionária e demolidora. A interação resulta da síntese entre necessidade e causalidade, com a supressão da substancialidade absoluta e da necessidade absoluta na configuração da relacionalidade absoluta e universal. O texto hegeliano é desafiador na sua interpretação porque, num mesmo parágrafo, o filósofo emprega as categorias de substancialidade absoluta, contingência absoluta e contradição absoluta. Quando Hegel se refere à substancialidade absoluta, trata-se da substância spinozista compreendida como racionalidade imanente e como círculo absolutamente universal no interior do qual todas as esferas da realidade estão inseridas na condição de estruturas imanentes. Trata-se de uma incondicionalidade universal absoluta anterior ao sistema de acidentes estruturados em sua interioridade, tal como, por exemplo, a força da gravidade é a substancialidade do sistema cosmológico, o capital financeiro é a substancialidade do sistema econômico capitalista e a liberdade é a substancialidade do Espírito. Porém, na argumentação hegeliana, esta substância é dissolvida porque a incondicionalidade primeira e universal é condicionada pela diversidade substancial dos acidentes que nela se totalizam. A contingencialidade absoluta advém da diversidade estrutural das determinações dispersas, que aparecem como instância negadora da substancialidade absoluta, exatamente na perspectiva da transformação da indiferença do momento da relação de substancialidade na diferença radical da contingencialidade, agora em questão. Em outras palavras, a substancialidade cede lugar à diversidade estrutural dos acidentes, razão pela qual Hegel fala da contingencialidade absoluta. O momento decisivo da *Doutrina da Essência* é o refluxo da relação de substancialidade quando os acidentes se associam e estabelecem um sistema de relações, e estes sistemas de relações estabelecem um universo de

---

<sup>21</sup> HEGEL, GWF. *Ciência da Lógica 2*. A Doutrina da Essência. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 239.

interrelacionalidade sistemática, razão pela qual o capítulo final é intitulado de Relação absoluta. Trata-se de um novo caminho de racionalidade que começa pela dispersão e diferença radical para o estabelecimento de um sistema relacional resultante da relação de todas as determinações com todas na circularidade absoluta. A contradição absoluta, como resultado da *Doutrina da Essência*, é assim denominada porque se dissolveu o eterno fundamento absoluto e universal da substancialidade e entrou em cena o novo fundamento da aparência, da mediação e da relação. De agora em diante, a relacionalidade se transformou no novo fundamento de racionalidade, na circularidade absoluta e interdeterminação multilateral das determinações, não mais como resultado da auto-organização das diferenças, mas como estrutura e dinamismo universal de todas as esferas do real. Assim, a Relação absoluta caracteriza a combinação entre a interrelação universal de todos com todos e a totalidade absoluta da autorrelação do sistema, o que caracteriza o movimento de interpenetração entre as substâncias particulares na qual todas mediatizam todas e todas se transformam em todas. De agora em diante, a “substancialidade” ontológica universal será a relacionalidade absoluta. Para indicar a passagem para a *Doutrina do Conceito*, Lakebrink escreve:

Ser e essência são conceitos determinados ou determinações do pensamento, que pressupõem o conceito, que a si mesmos como este fundamento e a si mesmos se põem de forma suprassumida. Ser e essência são coisas do pensamento em meio ao pensamento divino em si mesmo que na sua absoluta forma ou é na sua suprassunção eterna. Também os resultados da Natureza e do Espírito não serão, se o conceito divino não antecede e na exterioridade do espaço e do tempo não tivesse atuado livremente. Ser e essência são introduzidos na subjetividade divina como transempíricos, transnaturais e transespirituais *noematas*, enquanto tais a Ideia a si mesma diante de si mesma se expressa, dentro de si mesma, no seu pensar, se exterioriza, e apesar desta exteriorização ou esta palavra originária a si mesma reconduzida e que a si mesma conduz<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> LAKEBRINK, B. *Die Europäische Idee der Freiheit*. Hegels Logik und die Tradition der Selbstbestimmung. Netherlands: Leiden E. J. Brill, 1968, p. 364-148 • UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Não é conveniente parar a exposição no momento crucial da *Ciência da Lógica* em que se dá a passagem da essência para o conceito, da necessidade para a liberdade. A *Lógica do Conceito* é resultado da exposição dialética que começa com o ser, passa pela essência e reconduz ao conceito como universo da fundamentação lógica da liberdade. Por outro lado, a fundamentação também segue outra lógica, segundo a qual, a última determinação, enquanto círculo lógico mais amplo e complexo, transforma o ser e a essência em determinações imanentes. Em todo o sistema hegeliano, o último círculo suprassume dialeticamente todos os anteriores e transforma-se, por essa razão, em fundamento dos anteriores, como uma fundamentação retroativa. O conceito caracteriza aquela inteligibilidade racional que antecede a exterioridade do espaço e do tempo e as esferas da Natureza e do Espírito, exterioriza-se nesses círculos e, nessa exterioridade e diferença, preserva a interioridade e a força racional. A inteligibilidade do conceito aparece como o fundamento absolutamente universal, perpassa as esferas de Lógica, Natureza e Espírito e é suprassumida como Ideia filosófica universal. Como mediação, esta mesma Ideia atravessa as três esferas quando o sistema filosófico aparece na complexidade dos silogismos filosóficos e movimenta cada esfera como ponto de partida, como mediação e como conclusão do silogismo, ou seja, em cada esfera edifica-se uma triplicidade de silogismos. Essa será a circularidade universal que resulta do sistema de interação acima exposto.

### **Considerações finais**

Fizemos, acima, a partir da *Lógica da Essência*, o trabalho de escavar por baixo da materialidade do texto hegeliano a sua significação filosófica radical, especialmente no que concerne à parte final na qual Hegel aborda o fundamento das relações. No texto escrito, duas motivações básicas convergem: a primeira delas é a tradução e publicação na nossa Língua Portuguesa do segundo livro da *Ciência da Lógica*, a *Doutrina da Essência*. O procedimento metodológico do texto é, por um lado, simples, porque conduzimos a argumentação a partir da introdução de

citações hegelianas que achamos referenciais; por outro, é um caminho difícil porque se trata de um confronto direto com o difícil texto hegeliano. A tradução da *Lógica do Ser*, da *Lógica da Essência* e da *Lógica do Conceito*, em andamento, representa um novo capítulo dos estudos hegelianos no Brasil e nos países de fala portuguesa. O texto aqui apresentado tem como motivação básica o estudo da bela obra que está em nossas mãos e no nosso idioma.

A *Doutrina da Essência*, especialmente na forma de abordagem aqui realizada, precisa ser situada no contexto filosófico do Idealismo alemão. Mesmo que o sistema da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, estruturado pela *Ciência da Lógica*, pela *Filosofia da Natureza* e pela *Filosofia do Espírito*, seja o ponto de chegada mais sistemático e a síntese mais complexa do Idealismo alemão. Na *Doutrina da Essência* há indicativos claros desta síntese. A abordagem filosófica realizada também tem como fundo temático a problematização de Hegel com Kant e Fichte, por um lado, e com Espinosa e Schelling, por outro. Nisto, respectivamente, Hegel discute com o fundo temático representado pelo idealismo subjetivo e pelo idealismo objetivo. A *Doutrina da Essência*, especialmente na seção que trata da efetividade e da Relação absoluta, pode ser lida na perspectiva do diálogo de Hegel com essas denominações. Hegel supera o dualismo kantiano entre núneno e fenômeno e supera a indiferença schellinguiana entre Idealismo transcendental e Filosofia da Natureza. Hegel envereda por uma via intermediária ao formular um sistema relacional, conforme formulado acima, no qual a substância de Espinosa e a indiferença de Schelling dão lugar à substancialidade ativa hegeliana e o dualismo kantiano dá lugar à relatividade universal. A noção hegeliana de Absoluto expressa, de forma clara, a posição de Hegel diante do Idealismo alemão, especialmente no capítulo sobre a Relação absoluta supera dialeticamente todas as posições anteriores e dá uma nova configuração a esta corrente filosófica. De modo preciso, quando Hegel aborda a relação de substancialidade, estabelece a passagem da dura necessidade spinozista para a liberdade.

No artigo, procuramos reconstruir os fundamentos da argumentação hegeliana constantes no final da *Doutrina da Essência*. A temática do artigo é o sistema de relações, o caminho argumentativo através do qual Hegel chega até o universo temático

da Relação absoluta e a sua significação filosófica. Da *Doutrina da Essência* vêm duas contribuições significativas para a atualidade: por um lado, a compreensão segundo a qual o mundo e o Universo não são constituídos por substâncias fixas, mas o que caracteriza a realidade como um todo é o sistema de relações e sistemas formando, intersistematicamente, sistemas de relações. A outra compreensão atualmente evidente é de que tudo é movimento e processo e que tudo se constitui no fluxo do movimento dialético universal. Nessa perspectiva, não existe nada dado na Natureza, na História e no Universo, mas tudo provém do fluxo dialético de desenvolvimento e tudo está mergulhado num processo dialético universal.

Enfatizamos no artigo a radical revolução operada por Hegel na concepção, no modelo e nos rumos da filosofia, especialmente quando o aparecimento se transforma numa estrutura racional através da dissolução das coisas e do estabelecimento das relações fundamentais de todo e de parte, de força e exteriorização e de interior e exterior. A noção de contradição e de Absoluto expostas por Hegel na terceira seção da *Doutrina da Essência* são radicalmente demolidoras de velhas estruturas metafísicas, tornando indiferentes componentes de dualismos radicais da tradição. A lógica das modalidades transforma a necessidade absoluta em contingência absoluta, estabelece uma ciranda de modalidades e traduz este fluxo de racionalidade dialética no motor do sistema, que é a contradição. Esse movimento é formulado no capítulo sobre a Relação absoluta, estruturado na tríade da relação de substancialidade, da relação de causalidade e da interação. Neste círculo de desenvolvimento dialético, a relação de substancialidade, ao estabelecer um sistema relacional de totalidade, torna as determinações internas indiferentes; a relação de causalidade reconhece a equioriginaridade das diferentes substâncias e constrói um universo de relações entre elas através inversão de atribuições entre substâncias ativas e substâncias passivas; enquanto a interação consolida a relação e a interrelacionalidade universal como o impulso vital fundamental que tudo põe em movimento e em transformação permanente. Disso resulta que tudo se relaciona com tudo, tudo é mediatizado com tudo e tudo se move através de tudo na autodeterminação universal.



## Referências

- ANGEHRN, E. *Freiheit und System bei Hegel*. Berlim: Walter de Gruyter, 1977.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência*. Trad. de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.
- \_\_\_\_\_. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b. 2 b.
- \_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik*. Hamburg: Felix Meiner, 1999a. 2 b.
- HÖSLE, V. *Hegels System. Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität*. Hamburg: Meiner, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2007.
- LAKEBRINK, Bernhard. *Die Europäische Idee der Freiheit. Hegels Logik und die Tradition der Selbstbestimmung*. Netherlands: Leiden E. J. Brill, 1968.
- KRONER, Richard. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1961. 2. b.

*Submetido: 14/09/2018*

*Aprovado: 10/11/2018*



